O Poder Legitimador de Serápis

Uma análise da iconografia monetária alexandrina durante o período Antonino (96-192)

Caroline Oliva Neiva[1]

Submetido em junho/2015
Aceito em Junho/2015

RESUMO:
Serápis se apresenta como uma divindade que reflete o hibridismo cultural da sociedade alexandrina e a necessidade de adaptação dos elementos culturais egípcios e helênicos. Sua iconografia traz um homem maduro, barbado, vestido à moda grega. Seu nome seria a transliteração em grego de Osor-Hapi, divindade egípcia com corpo de homem e cabeça de touro que remete ao deus Osíris mumificado e ao touro sagrado de Mênfis, Ápis. Dessa forma seu culto fora associado a diferentes elementos, a saber: a fertilidade e abundância agrícola, aos ritos funerários, ao poder de cura, a proteção de Alexandria e dos alexandrinos e, sobretudo, a Legitimação dos governantes Lágidas (305-30 a.C.). O caráter político de Serápis associado à Legitimação foi apropriado pelos governantes Romanos. Neste artigo propõe-se a análise e interpretação de representações de Serápis na iconografia monetária alexandrina durante o governo dos imperadores Antoninos (96-192 d.C.), com o objetivo de compreender o discurso de Legitimação Imperial contido nas moedas, transformando o discurso imagético num discurso literário na proposta de Erwin Panofsky.

Palavras Chave: Serápis – Legitimação – Antoninos – Alexandria - Numismática

ABSTRACT:
Serapis is presented as a deity that reflects the cultural hybridity of the Alexandrian society and the need for adaptation of Egyptian and Hellenistic cultural elements. His iconography brings a mature man, bearded, dressed as a Greek. His name would be the transliteration into Greek of Osor-Hapi, Egyptian deity with a human body and bull's head which refers to the god Osiris mummified and the sacred bull of Memphis, Apis. Thus their worship was associated with different elements, such as: fertility and agricultural abundance, the funeral rites, the healing power, Alexandria protection and Alexandrians, and especially the Legitimacy of Lagida rulers (305-30 BC). The political character of Serapis associated with the Legitimacy was appropriated by the Roman rulers. In this article we propose the analysis and interpretation of Serapis representations in monetary iconography Alexandrian during the rule of the emperors Antonines (96-192 AD), with the aim of understanding the speech of Legitimacy Imperial contained in the currencies, transforming the imagery speech in a speech literary discourse in the proposal of Erwin Panofsky.

Key Words: Serapis – Legitimation – Antonines – Alexandria - Numismatic

[1] Mestranda em História Comparada no Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientador: Profª. Drª. Regina Maria da Cunha Bustamante. E-mail: carol_oliva_neiva@hotmail.com.

Introdução

Serápis pode ser considerado como um dos símbolos da hibridização cultural na sociedade alexandrina e do processo de adaptação cultural. Muitas são as vertentes que buscam explicar o "surgimento" ou a "criação" de Serápis; porém, a mais aceita e difundida é aquela defendida por Plutarco em sua obra *"De Iside et Osiride"*.

Plutarco associa a criação de Serápis a Ptolomeu I (305-285 a.C.). Este teria sonhado com uma estátua de tamanho colossal, que residia na colônia grega de Sínope. A divindade, que a estátua representava, teria pedido a Ptolomeu I Sóter que a transportasse para Alexandria. Sem questionar os motivos, Ptolomeu I trouxe a estátua para Alexandria e, quando seus próprios sacerdotes a viram, logo associaram ao deus grego Hades, protetor dos Infernos. Dando-lhe o nome de Serápis. A escolha desse nome trouxe controvérsias sobre a criação de Serápis. Durante o período tardio no Egito, existiu uma divindade faraônica mista que era a fusão entre os deuses Osíris e Ápis. Osíris, deus do Mundo dos Mortos, era o responsável por dar uma vida eterna no seu mundo e também, por ter ressuscitado, era associado à renovação vegetal. Ápis era o touro sagrado de Mênfis, considerado um representante de Ptah na terra, foi associado aos deuses Osíris e Ré, tendo características funerárias e solares respectivamente. O deus que surgiu dessa fusão era nomeado Osor-Hapi; e sua transcrição literal em grego seria Serápis (WILKINSON, 2003, p. 170-172).

Mênfis, a cidade onde esse deus era cultuado tinha uma população egípcia e também grega; logo os gregos tinham conhecimento desse deus. Dessa maneira, pode-se supor que a escolha do nome Serápis não teria sido por acaso nem um nome inventado pelos sacerdotes de Ptolomeu I. Aventa-se que teria acontecido a associação desse novo deus, ligado à imagem de Hades, a um deus pré-existente, Osor-Hapi. E, mais do que isso, uma ressignificação desse antigo deus.

Dessa forma, considera-se aplicar o conceito de adaptação cultural expresso por Burke (2003, p. 91), onde "a adaptação cultural pode ser analisada como um movimento duplo de des-contextualização e re-contextualização, retirando um item de seu local original e modificando-o de forma a que se encaixe em seu novo ambiente.", por conta da aliança que legitima o poder dos ptolomaicos através da religião; os sacerdotes egípcios trouxeram para Serápis uma ancestralidade, assim, o deus não surgiu de forma inesperada, mas foi redescoberto na tradição egípcia e apropriado para a

nova realidade. Constata-se que, no seu surgimento, a hegemonia dos Ptolomeus foi favorecida pela interação cultural caracterizada pela dinâmica entre estas duas culturas (helênica e egípcia), desmistificando a ideia de que a dominação era realizada a partir da passividade do dominado, e da sua aculturação.

Ao adotar na era Ptolomaica as características helênicas, Serápis não só se apropria de novos significados como também recebe novas funções, especialmente políticas: protetor de Alexandria, sede de governo dos Ptolomeus e, além disso, deus protetor e legitimador do poder dessa nova dinastia. Na análise de Serápis, procurar-se-á observar o grande hibridismo em que o Egito estava inserido, resultante de uma intensa troca cultural entre os diversos povos que habitavam a região e, nessas trocas, emergiu Serápis.

Sua imagem helênica em nada se assemelha a do antigo Osor-Hapi: um homem mumificado, característica de Osíris, com cabeça de touro, referencia a Ápis, e um disco solar com duas plumas sobre o seu disco, que lembra Ré. A imagem de Serápis era a de um homem de meia idade, barbudo, sua vestimenta era grega: o *himátion*[2]; portava um *kálathos*[3] na cabeça. Dessa forma, sua figura estava repleta de significados. Seria um grande deus ligado ao mundo dos mortos, por representar tanto Osíris quanto Hades e Plutão, estaria relacionado à fertilidade agrária por conta do deus Ápis e do *kálathos*, e também seria um deus curandeiro, pois lhe era atribuída a cura de doentes, que visitaram seu templo em *Canopus*. Dessa forma, Serápis se tornou um dos deuses mais importantes do Egito.

Ainda no que tange à tradição de Serápis, há outro elemento fundamental que se fez presente. Tanto no período ptolomaico quanto no romano, Serápis era representado ao lado de outras divindades; duas em especial chamam nossa atenção: Ísis e *Harpokrates*. Ísis era uma deusa egípcia do período faraônico, esposa de seu irmão Osíris e mãe de Hórus, deus dinástico terrestre, protetor do faraó. Ísis possuía inúmeros atributos como a fertilidade feminina, e a proteção das crianças. Foi transportada para o panteão romano e chegou a ter templos fora do Egito. Hárpocrates era o deus Hórus menino, sua aparência é imutável, permanece criança para sempre, sendo representado

[2] O *himátion* consistia num manto longo drapeado usado por cima do ombro esquerdo, envolvendo o corpo e passado por baixo do braço direito, usualmente seguro com a mão direita. Era uma peça de vestimenta feminina e masculina (HIMÁTION. *In:* **OXFORD DICTIONARIES**. Oxford: Oxford University Press, 2013. Disponível em: < http://www.oxforddictionaries.com/definition/english/himation>. Acesso em 10 de mar. 2015).

[3] O *Kálathos* na Grécia antiga era um cesto utilizado para medidas agrárias (GLARE, 1968, p. 256).

portando uma trança, penteado que caracterizava a criança egípcia, e com o dedo levado a boca.

A representação constante de Serápis ao lado dessas divindades se explica porque, durante o período ptolomaico, o culto de Osíris perdeu gradativamente sua força enquanto um grande deus egípcio, passando para Serápis esse papel. Dessa forma, Serápis, Ísis e *Harpokrates* formavam a tríade do Egito Ptolomaico. Osíris não deixou de ser cultuado no Egito, mas perdeu força enquanto um deus ligado ao poder. Suas representações deixaram de conter elementos ligados ao poder, como o cetro *hekat* e o flagelo *nejej* [4], símbolos de autoridade e dignidade real, associados a sua divindade e ao faraó, e passou a ser amplamente divulgado como um deus Canopo, ou seja, restrito a um dos vasos canópicos com a cabeça de Osíris em seu topo. Assim, suas funções funerárias ganharam mais importância do que o fato de ser um grande deus, ligado à legitimação do poder faraônico. Serápis então assumiu o lugar de Osíris na tríade egípcia, sendo o consorte de Ísis e pai de *Harpokrates*, filho dos dois. Refletindo mais uma vez o poder real exercido pelos Ptolomeus para legitimar o seu poder e dar características à nova era que se iniciava, sempre com o apoio dos sacerdotes que divulgavam esta idéia entre os egípcios.

Mas, mesmo com essas transformações - no que diz respeito às características de Serápis e sua inserção na tríade egípcia – percebe-se que todos esses aspectos tinham como base elementos que a população egípcio-nativa podia reconhecer e trazer para si, como parte de fato da sua religião. Logo, os Ptolomeus não criaram um deus que nada tivesse dos deuses egípcios; eles o associaram a deuses egípcios para que o seu poder pudesse de fato ser exercido, pois, sem dúvida, se simplesmente tornassem Hades um deus com culto oficial, ele não seria seguido pela população que em nada o reconheceria Zeus tendo algo relacionado à sua cultura. Seguindo esta perspectiva, considera-se que os romanos aplicaram a mesma estratégia. A fim de legitimar o seu poder, os imperadores romanos mantiveram a prática de associação com Serápis. Dessa forma, também se manteve o diálogo com os sacerdotes e a legitimação do poder imperial romano se tornou possível por conta da relação entre estas duas esferas sociais, não somente pelo domínio militar e políticos de Roma.

[4] O cetro *heka* e o flagelo *nejej* eram atributos ligados ao deus Osíris e ao poder do Faraó Ambos os instrumentos estão associados as atividades de pastoreio e simbolizam a retidão com que o Faraó deveria guiar o seu povo e o flagelo imposto no caso de descumprimento de suas vontades (TRAUNECKER, 2007, p. 72).

O início da dominação romana no Egito foi marcado por hostilidades entre romanos e alexandrinos, principalmente, durante a dinastia Julio-Cláudia. Isso se explica por conta das rivalidades que tomaram corpo durante as guerras de Marco Antônio e Otaviano. A Dinastia Julio-Cláudia se associou a imagem de Alexandre, fundador de Alexandria, e se dissociou da imagem de Serápis. Ao se dissociar de Serápis os imperadores romanos buscaram um distanciamento do antigo governo, visto que Serápis protegia Alexandria e legitimava o poder dos ptolomeus. A aproximação com Alexandre visava construir um novo modelo de governo e de governantes, buscando um herói clássico para servir de modelo (BARRY, 1988, p. 178). Os imperadores eram então representados como faraós e relacionados a Serápis, por já ser um deus bastante cultuado, principalmente na capital, Alexandria, mas também nas cidades de maior população grega.

É importante ressaltar que não ocorreu uma ação por parte dos imperadores dessa dinastia em se associar a divindades do período ptolomaico, ou de serem reconhecidos como faraós ou deuses em vida terrestre. Essas atitudes partiram dos cidadãos alexandrinos, especialmente aqueles oriundos da elite (BARRY, 1988, p. 166-169), como uma forma de manter a antiga ordem vigente e se legitimar. Na numismática, essas representações ficam claras nas associações dos imperadores a Alexandre, e às divindades agrícolas e aos símbolos romanos (BARRY, 1988, p. 171-184 passim).

Já com os Flávios essa postura se alterou. O imperador Vespasiano iniciou o uso da imagem de Serápis, associando-o com a divindade Zeus, intitulando esta nova representação como sendo a divindades *Zeus-Serápis*. Esta prática seria mantida por muitos imperadores, associando Serápis a outras divindades. Domiciano o associou a Hélios, intitulado *Hélios-Serápis*, e Adriano deu início ao culto com associação a Amon, intitulado *Serápis-Amon.*

Nota-se que uma mudança de fato acontece com a dinastia dos Antoninos e dos Severos. Os primeiros por conta de uma maior aproximação com Egito, quase todos os imperadores Antoninos viajaram até o Egito, sendo Adriano o que trouxe maiores intervenções, como a construção de um novo templo dedicado a Serápis em Alexandria e as histórias envolvendo o seu favorito Antinous[5], que morrera afogado no Nilo. Com

[5] Antinous nasceu na Bitínia entre 110/112 e faleceu em Outubro de 130 afogado nas águas do rio Nilo. Antinous era parte da *entourage* do imperador, e o acompanhou, juntamente com sua corte e a imperatriz Sabina, durante a visita realizada ao Egito em 130. Sobre o relacionamento de Antinous com o imperador

relação aos Severos, isso aconteceu devido à retomada das políticas dos Cinco Bons Imperadores, como são conhecidos Nerva, Trajano, Adriano, Antonino Pio e Marco Aurélio, com viagens ao Egito e a valorização do culto de Ísis e Serápis. Durante os Severos, e mais precisamente com Caracala, Serápis ganha uma atenção especial, tendo um templo construído em Roma, no Monte Quirinal.

O Poder Legitimador de Serápis

A primeira moeda[6] interpretada (Figura 1) trata-se de um dracma, cunhado durante o 18° ano do reinado do imperador Adriano (117-138), cujo busto encontra-se laureado no anverso da moeda. No reverso, estão representadas quatro figuras: três humanas e uma águia. Os bustos humanos são de um homem de meia idade, barbado, de frente para uma mulher, e uma figura infantil, representado nu com a mão levada a sua boca. A representação da águia se dá abaixo dos bustos, com suas asas abertas e face virada para a esquerda. O passo inicial do método de Panofsky nos permite descrever de maneira objetiva as primeiras imagens, para então identificar e reconhecer os símbolos e seus respectivos signos nelas contidos.

As representações imagéticas foram identificadas como a de Serápis, como um homem maduro e barbado, de Ísis como uma matrona, com jóias e penteado à moda romana, e de *Harpokrates*, com a trança e o dedo na boca. Os elementos de identidade, que possibilitam a identificação dos personagens residem nas coroas. O *kálathos* de Serápis, a coroa de meia-lua de Ísis e o disco solar de *Harpokrates*. Desta forma, identificamos a tríade alexandrina, representada sobre as asas da águia romana, que se volta para Serápis.

No plano da interpretação iconológica, percebe-se, nesta moeda, a partir das representações nela contidas, um discurso de poder, de legitimação. A dominação representada pela águia romana, voltada para Serápis, se dá simultaneamente ao

pouco se sabe, afinidades na literatura, caça e no fascínio pelo Oriente aproximavam os dois. Os relatos mais antigos dão conta do suntuoso funeral que o imperador mandou celebrar para honrar a morte de seu favorito, bem como a fundação da cidade de Antinoópolis e o incentivo ao culto de Antinous, que assim como Osíris ressurgiria das águas do Nilo. As pesquisas arqueológicas contabilizam aproximadamente 100 imagens de Atinous em diferentes materiais e iconografias, desde as clássicas representações greco-romanas até o estilo faraônico, abrangendo regiões de todo o Império (OPPER, 2008, p. 72-77).

[6] O método iconológico, desenvolvido por E. Panofsky (2009) é composto da descrição pré-iconográfica, análise iconográfica e a interpretação iconológica das representações contidas nas moedas. O método permite uma compreensão das representações imagéticas como portadoras de um discurso, que deve ser destrinchado para se tornar compreensível.Todas as moedas aqui apresentadas passarão pelas três etapas do método de Panofsky. A primeira etapa consistirá numa descrição objetiva dos elementos imagéticos. O segundo passo consistirá na identificação e nomeação destes elementos com base no contexto de produção. A última etapa será a interpretação do discurso imagético.

reconhecimento e a legitimação da tríade alexandrina. A dominação e o poder emanado pelo imperador, representante de Roma, estão sendo legitimados pelos deuses. Não somente o imperador é legitimado, mas sim Roma, simbolizada pela águia, animal atributo da divindade protetora de Roma, Júpiter, senhor do Olimpo.



Figura 1 – Æ Dracma – 133-134

A moeda seguinte (Figura 2), cunhada no 8° ano do reinado do imperador Antonino Pio (138-161), remete ao poder mais pessoal do imperador. O imperador está representado laureado e perfilado à direita. O reverso traz a representação de um homem barbado, sentado e segurando um objeto longo na mão esquerda e apoiando sua mão direita sobre um animal quadrúpede. Num plano superior, numa escala menor, há uma representação humana alada, erguendo uma coroa ou guirlanda na direção do homem sentado. Tomando-se essa descrição, pode-se inferir que o homem encontra-se entronizado, segurando um cetro, e que se trata da representação de Serápis, vestindo o *himátion*, cujo *kálathos* encontra-se levemente apagado. O animal representado é o cão Cérbero. A figura alada é *Niké*, deusa da vitória, que está coroando Serápis.

Os signos contidos nestas representações trazem a associação de Serápis aos deuses Hades helênico e Plutão latino. Não está diretamente relacionado à fertilidade e, por conseguinte, a agricultura, e sim, ao poder do imperador, por estar entronizado e segurando o certo, símbolos de poder, e, acima de tudo, pela posição de coroamento pela *Niké*. Neste discurso, Serápis é um deus vitorioso, que legitima o poder do imperador. Nesta imagética, Serápis representa o próprio imperador, vitorioso, sendo reconhecido então pela sua posição de poder.



Figura 2 – Æ Diobol – 138-139

A terceira moeda (Figura 3), cunhada também por Antonino Pio, durante o seu 7° ano de reinado, traz a representação imperador laureado e perfilado à direita. No reverso, há a representação de uma figura masculina barbada, conduzindo uma quadriga de cavalos, erguendo a mão direita. Os elementos associados à figura masculina nos permitem reconhecer a representação de Serápis, vestindo o *himátion* e coroado com o *kálathos*. Serápis está representado virado à esquerda e erguendo sua mão direita, numa posição de reverência. O discurso contido nesta moeda evoca a legitimação e o reconhecimento do poder pessoal do imperador pela divindade Serápis.



Figura 3 – Æ Diobol – 143-144

A próxima moeda (Figura 4) se diferencia das demais por trazer representações de ritos sacerdotais - oferendas e sacrifícios – pelo imperador a Serápis, denotando dessa forma uma relação mais direta entre o imperador e a divindade Serápis. Cunhada no 24° ano do reinado do Imperador Cômodo (177-192), o imperador é representado laureado e perfilado à direita. No reverso, está representado o busto de uma figura masculina barbada sobre um pedestal, virado à direita e olhando para uma figura humana, masculina de barba curta que se encontra de pé. Ao centro, a imagem em menor escala de uma mesa, ou altar. Identificando os elementos, que compõem estas imagens, percebe-se que a figura humana está com sua cabeça velada, vestindo uma

toga drapeada, o que nos remete a uma função sacerdotal, e que o busto pertence a Serápis por estar coroado com o *kálathos*. Considerando todos estes elementos, pode-se inferir que o discurso presente nessa representação nos remete a um rito promovido pelo imperador Cômodo na sua função sacerdotal, que deposita incensos num altar para o deus Serápis.



Figura 4 – Æ Diobol – 183-184

A última tipologia, a ser analisada neste bloco concernente a divindade Serápis, trata-se uma moeda (Figura 5) cunhada no 17° ano de governo do imperador Antonino Pio (138-161). No anverso, traz o busto do *Caesar* Marco Aurélio[7], com vestes militares e o *paludamentum*[8] sobre o ombro. No reverso, uma figura híbrida, corpo de serpente e cabeça de homem. A serpente está ereta, segurando espigas de trigo nas dobras de sua cauda, à direita e à esquerda. O busto é de um homem maduro, barbado, com um cesto sobre sua cabeça. Esta imagética se refere à figura de Serápis-Agathodaimon, uma representação híbrida de Serápis e da divindade serpente Agathodaimon, comumente difundida durante o governo de Antonino Pio. Agathodaimon era uma divindade identificada no período romano da história egípcia, sendo mais largamente difundido a partir do reinado do imperador Adriano, com atributos apotropaicos[9]. Para Soheir Bakhoum (1999, p.46) há uma possível associação entre Agathodaimon e o deus egípcio Shaï, deus protetor das colheitas de cereais e de vinhas, e do destino[10]. Observa-

[7] Marco Aurélio foi nomeado *Caesar* em 139 pelo imperador Antonino Pio.
[8] O *Paludamentum* era um manto retangular escarlate, preso por um broche, chamado de fíbula, sobre o ombro direito utilizado pelos generais. Em fins do século I o manto passa a ter a cor púrpura. O manto tinha como função simbólica a preparação para a guerra, e caráter prático de identificação do general por sua tropa (GLARE, 1968, p. 1287).
[9] Apotropaico tem sua origem no grego *apotropaios*, tudo aquilo que tem o poder de reverter ou afastar o mal.
[10] Soheir Bakhoum e Richard Wilkinson apresentam esta conexão entre as divindades Agathodaimon e Shaï, porém, divergem sobre o período desta associação. Bakhoum considera o surgimento de Agathodaimon a partir do período imperial romano, enquanto Wilkinson remonta ao período lágida a associação entre Agathodemon, uma divindade grega protetora dos vinhedos, e Shaï uma divindade

se que o sincretismo entre Serápis e Agathodaimon tem por função evocar a fertilidade e a proteção para agricultura e colheitas. Mais do que uma iconografia agrária, nota-se nesta representação uma forte relação desta nova divindade com o poder econômico exercido pelo imperador, visto ser o Egito uma província imperial, cuja função primordial era abastecer Roma, capital do Império, com cereais.



Figura 5 - Æ Dracma – 153-154

Conclusão

O objetivo central deste artigo consistia na transformação do discurso imagético contido em representações iconográficas da divindade Serápis na cunhagem monetária alexandrina durante o governo dos Antoninos, nas quais seu caráter legitimador do poder imperial romano era exaltado, num discurso literário. Ao realizar esta tarefa podemos melhor compreender o discurso imperial, e os mecanismos pelos quais o Imperador buscava a Legitimação de seu poder.

Nesta análise pode-se compreender que a divindade Serápis não somente desempenhava funções de legitimação do poder imperial romano, enquanto força política institucional, mas também o poder pessoal emanado pelo imperador reforçando a identificação deste com a divindade, como no caso de Adriano e Cômodo.

A imagética e os simbolismos que envolvem as representações de Serápis tratam da relação política, econômica e cultural, abrangendo dessa forma, os diversos âmbitos da sociedade alexandrina e colocando Serápis na posição de uma divindade suprema.

egípcia faraônica responsável pelo destino, pela sorte e fortuna. As pesquisas de cultura material corroboram com a ideia difundida por Bakhoum, pois elementos iconográficos somente são identificados no período romano.

ANEXO

FICHAS CATALOGRÁFICAS

	Moeda	Æ Dracma
	Metal	Liga de Prata de Bronze
	Peso	18,37g
	Medidas	
	Período	134-135
	Oficina	Alexandria
	Anverso	Busto laureado do Imperador Adriano, perfilado à direita, vestindo a couraça.
	Inscrição	□□□□□□□□□□□□□□□□□□□□C□□□– ***IMPERATOR CAESAR TRAIANVS HADRIANVS AVGVSTVS*** **- Imperador César Trajano Adriano Augusto**
	Reverso	Águia ao centro, virada à esquerda com as asas abertas. Acima das asas, à esquerda o busto de Serápis com o *kálathos* virado à direita, de frente o busto de Ísis à moda latina, com a coroa de Meia Lua, virado à esquerda. Ao centro Harpócrates em pé, virado à esquerda com o dedo na boca.
	Exergo	L ΙΗ - ano 18
	Catálogos	
	Referência	http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/cm/b/bronze_coin_of_the_city_of_a-1.aspx
	Moeda	Æ Diobol
	Metal	Bronze
	Peso	24,29 g
	Medidas	34 mm
	Período	138-139
	Oficina	Alexandria
	Anverso	Busto laureado do Imperador Antonino Pio, perfilado à direita.
	Inscrição	**ΑΥΤ Κ ΤΑΙΛ ΑΔΡ ΑΝΤΩΝΙΝΟΣ ΣΕΒ ΕΥΣ** – ***IMPERATOR CAESAR TRAIANUS ADRIANUS ANTONINUS AUGUSTUS PIUS*** – **Imperador César Trajano Adriano Antonino Augusto Pio**
	Reverso	Serápis entronizado ao centro, virado à esquerda, segurando o cetro com a mão esquerda. Mão direita estendida sobre Cérbero, abaixo à direita. Acima à direita Niké ergue uma coroa de louros.
	Exergo	L B - ano b
	Catálogos	D 2841, Geissen 3471
	Referência	http://rpc.ashmus.ox.ac.uk/coins/4/15200/

	Moeda	Æ Diobol
	Metal	Bronze
	Peso	12,24g
	Medidas	24 mm
	Período	143-144
	Oficina	Alexandria
	Anverso	Busto laureado do Imperador Antonino Pio perfilado à direita
	Inscrição	**ΑΝΤΩΝΙΝΟΣ ΣΕΒ ΕΥΣΕΒ –*ANTONINUS AUGUSTUS PIUS* – Antonino Augusto Pio**
	Reverso	Serápis vestindo o *himation* e usando o *kálathos*, em pé à direita conduzindo uma quadriga e segurando cetro com a mão esquerda.
	Exergo	L Ζ - ano 7
	Catálogos	G 1439; O 1751; O 1752; O 1754; NY 1944.100.58681; NY 1944.100.58682; F 589; F 590; L 2963
	Referência	http://rpc.ashmus.ox.ac.uk/coins/13511
	Moeda	Æ Diobol
	Metal	Bronze
	Peso	10,08g
	Medidas	25 mm
	Período	183-184
	Oficina	Alexandria
	Anverso	Busto laureado do Imperador Cômodo, perfilado à direita.
	Inscrição	**Μ ΑΥΡΗ ΚΟΜΜ ΑΝΤΩΝΙΝΟΣ Σ– *MARCUS AURELIUS COMODUS ANTONINUS AUGUSTUS* – Marco Aurélio Cômodo Antonino Augusto**
	Reverso	Imperador Cômodo em pé à direita, virado à esquerda com a cabeça velada, depositando incenso num altar ao centro, de frente para o busto de Serápis usando o *kálathos,* virado à direita sobre um coluna.
	Exergo	L ΚΔ - ano 24
	Catálogos	L 1432; DS 9553
	Referência	http://rpc.ashmus.ox.ac.uk/coins/16005

	Moeda	Æ Dracma
	Metal	Liga de Prata e de Bronze
	Peso	23,41g
	Medidas	35 mm
	Período	153-154
	Oficina	Alexandria
	Anverso	Busto de Marco Aurélio perfilado à direita. Vestes militares e *paludamentum*.
	Inscrição	**Μ ΑΥΡΗΛΙΟΣ ΚΑΙΣΑΡ – *MARCUS AURELIUS CAESAR* – Marco Aurélio César**
	Reverso	Corpo de uma serpente ereta com a cabeça de Serápis usando o *kálathos*. À direita espigas de trigo.
	Exergo	L IZ - ano 17
	Catálogos	D 3207; G 1932; M 2247; NY 1944.100.61234
	Referência	http://rpc.ashmus.ox.ac.uk/coins/13814/

Referência Bibliográfica

DOCUMENTAÇÃO

Site especializado em numismática romana provincial

http://rcp.ashmus.ox.ac.uk/ - O grupo de pesquisa tem o suporte da Universidade de Oxford e da Arts and Humanities Research Council. O objetivo central do grupo é fornecer um vasto banco de dados sobre a cunhagem provincial romana durante a Dinastia Antonina (96-192).

Site do Museu Britânico de Londres

http://www.britishmuseum.org/ - Site do Museu Britânico de Londres, detentor de um dos maiores acervos de Egiptologia do mundo.

ALSTON, Richard. Ritual and Power in the Romano-Egyptian city. In: HELEN M. Parkins. *Roman Urbanism: Beyond the Consumer City.* London and New York: Routledge, 1997. p. 147-171.

BAKHOUM, Soheir. *Dieux Égyptiens à Alexandrie sous les Antonines. Recherches numismatiques et historiques.* Paris: CNRS Éditions, 1999.

BARRY, William Dunne. *Faces of the crowd. Popular society and politics of Roman Alexandria 30 BC-AD 215.* Michigan, 1988, 218f. Dissertation. University of Michigan, 1988. Doctoral in History at the University of Michigan, 1988.

BELER, Aude Gros de. *A Mitologia Egípcia.* Tradução de Teresa Curvelo. Lisboa: Gama Editora, 2001.

BOWMAN, Alan. *Egypt After the Pharaohs. 332 B.C. - A.D. 642.* London: British Museum Publications, 1986.

BOWMAN, Alan K.; RATHBONE, Dominic. *Cities and Administration in Roman Egypt.* Journal of Roman Studies, London, v. 82, p.107-127. 1982.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural.* Porto Alegre: Editora Unisinos, 2003. (Aldus, 18)

BUSTAMANTE, Regina Maria da C. Práticas Culturais no Império Romano: Entre a Unidade e a Diversidade. *In:* SILVA, Gilvan V.; MENDES, Norma M. *Repensando o Império Romano: Perspectiva Sócioeconômica, Política e Cultural.* Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, ES: EDUFES, 2006, p. 109-136.

CARLAN, Claudio U. *Moeda e Poder em Roma: Um mundo em transformação.* São Paulo: Annablume, 2013.

_____. ; FUNARI, Pedro Paulo. *Moedas: A Numismática e o Estudo da História.* São Paulo: Annablume, 2012.

DONADONI, Sergio. O Egito sob dominação romana. In: MOKHTAR, G. (coord.) *História geral da África 2.* São Paulo-Paris: Ática-UNESCO, 1983, p. 191-212.

GEISSEN, Angelo. The Nome Coins of Roman Egypt. In: HOWGEGO, C.; HEUCHERT, V.; BURNETT, A. *Coinage and Identity in the Roman Provinces.* Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 167-170.

GLARE, P. G. W. *Oxford Latin Dictionary.* London: Oxford University Press, 1968.

HOWGEGO, C. *Anciente Histpry from Coins.* London-New York: Routledge, 1995.

_____; HEUCHERT, V.; BURNETT, A. *Coinage and Identity in the Roman Provinces.* Oxford: Oxford University Press, 2005.

HUSSON, Geneviève; VALBELLE, Dominique. *L'État et les Institutions en Égypte des premiers pharaons aux empereurs romains.* Paris: Armand Colin, 1992.

LEWIS, Nathtali. *Life in Egypt under the Roman Rule.* Oxford: Clarendon Press, 1985.

LOBIANCO, Luís Eduardo. *Alexandria no Egito: a luz do helenismo no antigo Oriente Próximo.* In: SEMINÁRIO REPRESENTAÇÕES, PODER E PRÁTICAS DISCURSIVAS, 2010, Nova Iguaçu. Anais, Nova Iguaçu: UFRRJ, 2010. Disponível em < http://www.ufrrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/praticas-discursivas/artigos/alexandria.pdf> Acesso em 18 mar. 2015.

_____. *A Romanização no Egito: Direito e Religião (séculos I a.C. – III d.C.).* Niterói, 2006, 429 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 2006.

MAGALHÃES, Maricí Martins. *Silloge Nummorum Graecorum Brasil,* Rio de Janeiro: MHN, 2011.

MUSÉE DE MARSEILLES. *Egypte Romaine: L'Autre Egypte.* Marseilles: RMN, 1997.

OPPER, Thorsten. *The Emperor Hadrian.* London: The British Museum Press, 2008.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

PLUTARCO. *Isis y Osiris. Diálogos Píticos. Obras Morales y de Costumbres.* v. VI. Introducciones, traducciones y notas por F. P. Pardo y J. A. F. Delgado. Madrid: Gredos, 1995.

SEAR, David R. *Roman coins and their values 1. The Republic and The Twelve Caesars 280 BC – AD 96.* London: Spink, 2000, p. 5-74, 259-308.

WILKINSON, Richard H. *The Complete Gods and Goddesses of Ancient Egypt.* London: Thames & Hudson, 2003.

ZIVIE-CHOCHE, Christiane. *Dieux et hommes en Egypt.* Paris: Armand Colin, p. 214-221, 2002.